



Evento	Salão UFRGS 2015: XI SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Apresentação e análise de uma proposta de produção textual e sua grade de avaliação a partir da visão sociointeracionista da linguagem
Autores	GABRIELA MOCH SCHMIDT JULIANA ROQUELE SCHOFFEN

Este trabalho relata a experiência pedagógica desenvolvida em um curso pré-vestibular popular oferecido pelo Centro de Estudantes Universitários desta universidade, no qual leciono Língua Portuguesa. A partir dos conhecimentos construídos pelas leituras e interações feitas na cadeira de Avaliação e Educação Linguística (AEL) oferecida pelo Instituto de Letras também desta universidade, elaborei um projeto de aulas. Esse projeto teve o objetivo de aplicar uma proposta de produção textual sob a visão sociointeracionista da linguagem. Visão esta que compreende uma linguagem em uso, a qual é construída pela interação de seus participantes. Ademais, adotar essa concepção de linguagem para a prática de ensino de línguas significa preparar os alunos para agir no mundo através da língua, isto é, explorar a escrita através dos diferentes gêneros do discurso e as condições de produção nos quais estes se desenvolvem (quem fala, para quem fala, em que momento histórico, em qual contexto social, em que esfera da atividade humana, com quais objetivos) e não se ater somente nos aspectos mais formais da língua, como comumente acontece nas aulas de redação/produção textual das escolas de ensino básico e de cursinhos pré-vestibular. Desde que a pedagogia terminou com o mito da neutralidade do ensino, faz-se muito importante o professor ter consciência das teorias que fundamentam suas aulas. Entretanto, é comum essas teorias não chegarem à avaliação, um processo obscuro para a maioria dos professores de língua e para seus alunos. A prática de avaliação de textos mais frequente nas salas de aula é a do professor corretor/revisor, que aponta os erros dos alunos principalmente os referentes a aspectos formais, como paragrafação, ortografia, estrutura frasal etc. A cadeira de AEL, entre muitas das suas discussões, proporcionou a reflexão sobre como a pedagogia de ensino deve estar refletida na maneira como o professor avalia e vice-versa. É por isso que, além da proposta de produção textual, elaborou-se uma grade que pudesse avaliá-la. A proposta consistiu na produção de uma carta aberta em resposta à leitura de um texto que mencionava um projeto de lei do município de São Paulo que pretendia acabar com os bailes funk em espaços abertos da cidade e que estava em condições de ser aprovado ou vetado pelo prefeito. Tendo em vista que a avaliação não é o ponto de chegada de uma produção textual no qual se prova o que se aprendeu, mas parte do processo de ensino-aprendizagem, toda avaliação de uma produção textual deve encaminhar uma proposta de reescrita para o aluno, na qual o professor deve, além de apontar o que pode ser melhorado, ressaltar aquilo que já foi aprendido. Depois que os alunos escreveram as cartas abertas e eu as avalei, fiz uma análise da grade, que se construiu num modelo analítico. Concluí que, no contexto no qual se desenvolveu o projeto, esse modelo é possível e tem a vantagem do retorno detalhado ao aluno, porém torna-se inviável em outros contextos, nos quais não se há tempo nem salário direcionados para avaliação. Para esses contextos, proponho uma avaliação holística, mais prática e rápida, mas que leve em conta os critérios de avaliação usados na grade formulada para este trabalho (gênero, interlocução, objetivo, grau de formalidade, apropriação de leitura, coesão, coerência e informatividade).